

## TRIBUNA DA CIDADE

CLÁUDIO MONTEIRO

### Destino para o lixo da cidade

Um dos maiores problemas ambientais dos nossos dias, o lixo urbano constitui-se geralmente em uma grande dor de cabeça para os administradores públicos, principalmente nas grandes cidades. Porém, não é problema antigo, e sim bastante recente. Basta relembra-los a criação de Brasília: o projeto vencedor do concurso nacional para escolha do Plano Piloto da futura capital do Brasil não fazia menção à questão da coleta e disposição do lixo da cidade. Uma falha do projeto, ou uma omissão irreparável do seu autor? De forma alguma. Devemos a Lúcio Costa, e também a Oscar Niemeyer, o privilégio de morarmos em uma cidade considerada Patrimônio Cultural da Humanidade, dada a riqueza de sua concepção urbanística e de sua arquitetura.

Na verdade, na década de 50 não se poderia prever os níveis críticos a que chegariam, nos grandes centros urbanos, indicadores como o abastecimento de água, coleta e tratamento de esgotos e, é claro, os referentes à limpeza pública. Com certeza, há alguns anos atrás o lixo não era algo que merecesse a preocupação dos planejadores urbanos.

Porém, Brasília cresceu, e muito, ultrapassando rapidamente a fronteira de 500 mil habitantes, previsão máxima estipulada no Edital do Concurso acima citado. E os padrões de consumo de nossa sociedade, principalmente de bens descartáveis, também cresceram em uma velocidade vertiginosa. Com isso, a questão do lixo aflorou, de uma forma violenta, exigindo respostas rápidas e seguras por parte do Poder Público do Distrito Federal.

Um aspecto da maior gravidade diz respeito à disposição do lixo. Há mais de 20 anos que a maior parte do lixo recolhido no DF — cerca de 1.000 toneladas/dia — é despejada, sem o mínimo tratamento, em um aterro próximo à Via Estrutural, às margens do Parque Nacional de Brasília, nossa mais antiga e importante área ambiental, e nas cabeceiras do Córrego Vicente Pires. Não é preciso muita reflexão para verificarmos algumas das consequências dano-

sas do aterro para o Parque: ameaça de incêndios, provocados pelas constantes queimadas de lixo não aterrado, invasão de cães criados pelos catadores



**"A questão do  
lixo aflorou,  
de uma forma  
violenta,  
exigindo  
respostas  
rápidas do  
Poder  
Público do DF"**

que vivem no local, acarretando choques frequentes com a fauna do Parque, e, que é mais grave, contaminação dos lençóis freáticos pelos resíduos altamente poluidores do lixo. Em relação a esse último ponto, existem fortes suspeitas de contaminação dos aquíferos subterrâneos do Parque, os quais alimentam a bacia dos córregos que formam a Barragem de Santa Maria. Vale lembrar que a água que vem da barragem abastece cerca de 30% da população do DF.

Além da localização, o aterro — na verdade um lixão — envolve um outro problema: dependendo dele sobrevivem, em condições sanitárias as piores possíveis, mais de 300 famílias, que têm na catação de restos de lixo o seu sustento. Será que é a melhor opção para essas famílias? Mesmo vivendo da catação do lixo, não haveria uma forma mais organizada de realizarem os seus serviços, como, por exemplo, prestando serviços na destinação final e na reciclagem de resíduos para o próprio GDF?

Portanto, o lixão envolve dois graves problemas: um, ambiental; e outro, social. Mas, apesar disso, entra governo, sai governo, e o aterro continua lá, cada vez maior e mais próximo do Parque. E os catadores, cada vez mais abandonados. E a promessa, nunca concretizada: remover o aterro das margens do Parque, e instalá-lo em local adequado, utilizando técnicas apropriadas, e dando condições dignas de trabalho aos catadores.

Para agravar a situação, nos últimos meses o aterro ganhou a companhia de uma invasão que, iniciada ao apagar das luzes do governo Roriz, continuou crescendo dia após dia, obrigando a que a atual administração do Guará tomasse providências enérgicas para coibi-la, inclusive com a instalação de um posto de fiscalização permanente no local.

Porém, toda a pobreza gerada pelo lixo, não só a ambiental como a social, pode-se converter em riqueza. Temos que adotar princípios usados nas principais cidades do mundo ao enfrentarem a questão: redução dos volumes de lixo, além de reutilização e reciclagem de materiais. Utilizando tecnologias de baixo custo, absorvendo mão-de-obra local, aproveitando adequadamente os recursos naturais e preservando a identidade sócio-cultural da sociedade. Com isso, como dizem os norte-americanos, "there's cash in trash".

■ **Cláudio Monteiro é deputado distrital pelo PPS**